

JUVENAL ANTUNES: O POETA DE RIO BRANCO

Luciana Marino do Nascimento
Professora Doutora da Universidade Federal do Acre/PPGL¹

À Minha colega, Prof.^a Dra. Laélia Rodrigues, que disponibilizou os poemas de Juvenal Antunes digitalizados do Jornal Folha do Acre. Sem essa presteza de minha colega, não teria sido possível a realização deste trabalho.

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos fazer uma leitura da poesia de Juvenal Antunes, tendo como foco a figura do literato atuante na cidade, cuja obra foi produzida na distante Amazônia, paralelamente, aos movimentos literários das décadas de 20 e 30 dos grandes centros urbanos, percebendo-se que, apesar de distante e das dificuldades havia uma produção literária na Amazônia.

ABSTRACT: In this work we intend to do a poetry reading of Juvenal Antunes, focused on the literary figure who was active in the city, and whose work was produced in the distant Amazon, parallel to the literary movements of the 20 and 30 decades in major urban centers, realizing that, although distance and difficulties of communication, Acre also took place in the practice of literature.

Introdução

A primeira metade do século XX, no Brasil, se caracteriza pela afirmação da modernidade, o que vai repercutir, principalmente, na adoção de um modelo europeu de espaço urbano. Na esteira de Paris, inicialmente o Rio de Janeiro, capital da república, seguido das demais capitais estaduais terão suas estruturas e feições transformadas em obediência aos imperativos da urbanística moderna e aos ditames estéticos. Sanear a cidade significava embelezá-la. Neste sentido, as representações literárias em alguns momentos celebram ou reexaminam os melhoramentos urbanos, mostrando a capacidade dos poetas e romancistas em estabelecer uma legibilidade da cidade.

É justamente no século XX que se consagra a cidade como síntese e projeção da modernidade. A cidade passou a expressar, em grande medida, os anseios de uma nova ordem econômica e política com vistas ao progresso. Tal processo pôde ser observado também quando se trata da formação do espaço urbano na Amazônia, cujas cidades se formam a partir

¹ E-mail: luciana@ufac.br

dos primeiros núcleos de povoamento, na esteira da economia extrativista da borracha, tornando o campo e a floresta, lócus que trazem um significado relativo ao atraso. Assim, se vivencia na Amazônia uma experiência de Belle Époque, como àquela ocorrida em Belém, em Manaus ou em Porto Velho, com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cujo evento foi muito apropriadamente chamado por Foot Hardman de “a modernidade na selva”² e o famoso período de fausto do ouro negro.

Pode-se perceber que, por um lado, a cidade como lócus da modernidade ascendeu definitivamente; por outro, o campo passou a ser identificado ao lócus do isolamento e do atraso. Foram muitos os aspectos políticos e históricos determinantes desse novo cenário, entretanto, não vamos discutir tais aspectos, pois, o que nos interessa é perceber de que maneira essa ascensão da cidade na Amazônia motivou outras escritas de romances, não somente àquelas cuja temática reside numa “poética do verde”, ou seja, há uma série de obras a qual Afrânio Coutinho classifica como “romance do ciclo do Norte”, cujo autor principal foi Dalcídio Jurandir, sendo que em tais romances se coloca em cena a floresta, seus trabalhadores, a exploração do seringueiro e seus desafios diante da natureza exuberante e hostil a este sujeito. A floresta deixa de ser o espaço idílico postulado pelos viajantes estrangeiros em seus textos nos séculos XVIII e XIX, para nos textos ficcionais do século XX (anos 40 e 50), se tornar o lugar que se deixa; o lugar do abandono.

Os estudos acerca da literatura de expressão amazônica tem se debruçado sobre as narrativas orais de caráter popular, a narrativa indígena, o caráter social dessa ficção que expõe a exploração no mundo do trabalho e a mundivivência no interior da floresta, na qual os homens são encenados como produtos do meio e dotados de um conjunto de regras muito próprias. Entretanto, a representação da cidade na literatura ou atuação do literato na cidade tem sido uma das temáticas menos estudadas, com exceções para alguns estudos notadamente na área de História sobre a Belle Époque amazônica em Belém e Manaus.

Acreditamos que estudar um poeta e sua atuação no espaço da cidade de Rio Branco é de importância, pois faz-se mister que a Amazônia seja lida como uma região urbana, tendo em vista que aproximadamente 70% de sua população vive nas cidades, ainda que tal

² Refiro-me ao livro de Francisco Foot Hardman *Trem fantasma: a modernidade na selva* (1987).

estatística possa ser redefinida em função das estruturas rural-urbanas ali existentes. Os antigos povoados passam por uma recomposição de seu papel, resultantes de confrontos sociais e de modelos diversos de constituição do território e da integração em mercados globalizados. As cidades na Amazônia não constituem apenas pontos de referência na cartografia de uma região demarcada pelos rios e pela floresta, embora tais aspectos tenham desempenhado um papel fundamental como apoio ao povoamento desse território. Cidades pequenas e médias, e mesmo as grandes como Belém e Manaus, guardam as marcas de sua história colonial. Também é importante destacar que na configuração urbana amazônica, também se originaram outras cidades com origem social ou étnica variada, notadamente àquelas cuja ocupação representou uma marcha mais a oeste em áreas avançadas da exploração de garimpo, de madeira ou outros produtos da floresta, que posteriormente, ganharam os mercados nacionais e internacionais.

Na historiografia literária, com exceção da referência a que faz Afrânio Coutinho sobre os romances do Ciclo do Norte, há em geral, um vazio nos registros sobre a produção literária de expressão amazônica, ao longo da história da literatura brasileira, não obstante os esforços dos trabalhos realizados por pesquisadores da UFPA, UFAM, UFAC, UFRR. A falta de registros sobre essa literatura é ainda maior quando se trata da literatura produzida no Acre, o que se explica pelo peculiar e longo processo histórico de sua incorporação ao território brasileiro, o que se deu somente nos primeiros anos do século XX (1903). João Carlos de Souza Ribeiro, assim se expressa:

A historiografia literária, de cuja escrita emana toda a trajetória da própria literatura, se não excluiu, deixou de incluir o imaginário do povo, que surge vigoroso e legendário no seio da floresta. O rastreamento de símbolos ou de um emblema, que marca esses estrangeiros brasileiros, aos olhos da história e da crítica literárias de base canônica, respectivamente, construiu desde a fundação das escrituras que tematizam a Amazônia, o elo perdido da história da literatura e da literatura artística em análise contínua. Última peça a ser encaixada no complexo quebra-cabeça denominado brasilidade, a Amazônia invisível dá visibilidade ao pluralismo vertente da contemporaneidade, que não se configura na arrolagem consagrada dos textos modelares da literatura dita nacional, e que ainda está à guisa de uma reflexão profunda sobre os veios mais essenciais dessa linguagem no âmbito regional a priori e no espaço universal, a posteriori. (RIBEIRO, 2007, 3).

Dos estudiosos que vem produzindo uma historiografia literária no Acre, destacamos as professoras Laelia Rodrigues, Margarete Prado Lopes, Simone Souza Lima, todas da UFAC. Laélia Rodrigues em *Acre-Prosa 1900-1990* (constitui desdobramento da pesquisa empreendida no seu Doutorado, sendo uma pesquisa contínua na sua vida acadêmica, agora na qualidade de professora visitante sênior), nos afirma que em grande parte das produções literárias escritas na Amazônia projeta-se a partir de uma tentativa de descortinar uma questão identitária, associada à temática do isolamento e da relação com seu espaço:

Com estigmas de deserto e de inferno verde e com uma trajetória histórica acentuadamente marcada pela exploração de recursos naturais, a cultura amazônica tem sido determinada por dois elementos significativos: o isolamento e a busca da identidade. (RODRIGUES, 1998, 17).

Portanto, entender as lógicas que estruturam a diversidade de formas de ocupação urbana na Amazônia torna-se extremamente interessante, pois remete a uma reflexão sobre a formação cultural dessa região e mais ainda através da literatura, espaço de recriação e captação oblíqua da realidade. Tal reflexão nos permite perceber a interação entre os processos locais e nacionais, ou seja, em que medida essa literatura amazônica expressa uma poesia urbana em seus compassos e descompassos com outras literaturas que expressam ou emanam da cidade.

Juvenal Antunes

Italo Calvino em suas *Cidades Invisíveis* nos diz que toda cidade é construída não só através de seus edifícios, ruas e monumentos, mas também por meio de múltiplos discursos e leituras que cada um faz da cidade.

Ao observarmos a paisagem de Rio Branco por meio da “flânerie”, desse “modo particular de fazer botânica no asfalto”, como bem afirmou Benjamin, sobressai à nossa visão a estátua de bronze do poeta Juvenal Antunes, localizada à frente da Fundação Elias Mansur, em cuja edificação funcionou o Hotel Madrid, tendo sido a moradia do poeta. A estátua de bronze de Juvenal se incorporou definitivamente à paisagem da cidade, nos indicando que aqui também se exercia o ofício das letras.

Para tecer algumas considerações sobre a obra do poeta Juvenal Antunes, faz-se mister reconstituir alguns rastros de sua vida, bem como levantar alguns aspectos do cenário histórico da sua atuação. Não pretendo aqui traçar uma biografia intelectual completa do autor, mas apenas levantar alguns dados relevantes de sua trajetória para o estudo de sua obra. Acredito que a biografia pode se constituir em uma contribuição para o entendimento da visão de mundo do autor, um dos caminhos possíveis para a compreensão de uma obra não referida pelos manuais de literatura:

A biografia pode ter uma grande importância e o historiador da literatura deve examiná-la cuidadosamente a fim de observar, em cada caso concreto, os ensinamentos e as explicações que ela pode fornecer. Mas ele jamais deve esquecer que, quando se trata de uma análise mais aprofundada, ela não é senão um fator parcial e secundário, sendo essencial a relação entre a obra e as visões de mundo que correspondem a certas classes sociais. (GOLDMANN, 1979 *apud* CURY, 1981, 23).

Contextualizar a obra de Juvenal Antunes dentro da historiografia literária tampouco é tarefa das mais fáceis. A obra juveniliana apresenta-se ausente dos cânones da literatura brasileira, como quase toda a literatura de expressão amazônica, como já nos referimos anteriormente.



Figura 1- Livro *Acreanas* Fonte: outraseoutras.blogspot.com

O poeta Juvenal Antunes nasceu em Ceará-Mirim em 29 de abril de 1883, falecendo em Manaus, em 30 de abril de 1941. Tornou-se advogado e fundou o jornal *A Capital*, que teve boa repercussão na cidade, no qual foi publicado o célebre depoimento "Como tenho vivido", de Ferreira Itajubá. Irmão da memorialista Madalena Antunes Pereira, com ela manteve terna e bem-humorada correspondência, quando se viu forçado a mudar para o Acre. No Acre, exerceu as funções de Promotor de Justiça, residia no Hotel Madri, local onde, hoje, funciona a Fundação Cultural Elias Mansur. Escreveu os versos de *Acreanas*, publicado em 1922, seu segundo livro de poemas, tendo estreado em 1908 com *Cismas*. Foi fazendo versos na mesa do restaurante do Hotel Madri que Juvenal seguiu sua trajetória por quase três décadas, tendo sido um dos fundadores da Academia Acreana de Letras. Océlio de Medeiros em seu romance *A Represa*, publicado em 1942, faz menção a Juvenal em várias passagens, como a que segue:

Uma luz mortiça vela o sono tranqüilo de Rio Branco. No lado esquerdo, quando não há uma festinha ou não faz luar, as famílias se retiram antes das nove horas. No lado direito, ao contrário, a insônia vai pela madrugada, com as danças no Bodovaldo e as bagunças na pensão da nega Deltrudes, com as jogatinas, as bebedeiras, as farras e as brigas por questões de ciúme.

(...)

No beco de permanente cheiro de amoníaco, as mulheres agarram os transeuntes para as extravagâncias de amor. No Madrí, com um largo salão de bilhares, há quem trate de negócios, comissões e consignações, os turcos procurando enganar-se mutuamente. (...) E numa banca reservada, o poeta Juvêncio debocha a humanidade e repete seus versos à Laura:

‘ - A tua boca, ò Laura, tem o sabor das uvas

E o gosto d’água das primeiras chuvas!....’

E, ao chegar à última rima, arrega a palma da mão sobre a tábua da banca, chamando os nomes mais feios e contando os casos mais escabrosos.....
(MEDEIROS, 1942, 111-112)³

Era, pois, o bar do Hotel Madrid, ao qual o poeta deu o epíteto de “meu pequeno paraíso”, o lócus onde Juvenal exerceu seu ofício de literato e se colocou a debater assuntos do seu momento. Conforme nos informa Esmeraldo Siqueira, em um dos debates acalorados

³ Poema de Juvenal

Oh! Glorioso dia!

Oh! Bela bacia de ferro (o navio),

que delicioso momento, em que preparo - me

para os carinhos de minha Laura!

Estará ela com o mesmo sabor das uvas

e o gosto d’água das primeiras chuvas”?

acerca da situação de carestia no Acre, em cuja discussão se indagava se seria conveniente incorporá-lo ao Amazonas ou continuar sob a tutela da União, Juvenal assim se pronunciava: “Isso não tem remédio. O melhor seria devolvermos o Acre à Bolívia e pedirmos desculpas pela demora.” (SIQUEIRA, 2008, 21). Em alguns de seus poemas, Juvenal revelou uma consciência crítica acerca da sociedade local e deu processo histórico e político e foi por meio de versos bem característicos de humor, escritos sob a forma de dísticos, forma essa da tradição poética de epigramas e motes, que nos apontam para uma segmentação dos versos e para os efeitos entre ideias contrárias:

Redação da Folha do Acre,
Num dia de luz áacre

Depois do café com leite
Tive o sublime deleite

De essa folha receber
Que logo me pus a ler

Tenho aqui elogiado
Esse Acre tão caluniado...

O Governador de Estado
Que ao se fez de rogado

Pois gosta de prestigiar
quem deseja trabalhar.⁴

Em outro poema, Juvenal escreve ao Governador Hugo Carneiro, uma carta-poema, quando se encontrava de férias em sua terra natal – Ceará Mirim. A carta-poema representa uma quebra de barreiras, com a ruptura à formalidade necessária à autoridade do Governador:

Meu caro Dr. Carneiro
Já me encontro no Oiteiro

O Lloyd não recebeu
A passagem que me deu

Quase cheguei a Natal
Sem ter no bolso um real

⁴ Originalmente publicado na *Folha do Acre* em 03/01/1926.

Enfim como estou proibido
De beber, como hei bebido

Gastei muito pouco a bordo
Razão pela qual concordo

Que a lei seca tem vali
É a favor da economia.⁵

Note-se o tom humorístico da carta endereçada ao Governador Hugo Carneiro, escrita sob a forma de dísticos compostos por versos decassílabos, o que nos mostra a releitura que o poeta faz da tradição satírica lusa, além disso, nos aponta para um processo de carnavalização tal qual, postulou Bakhtin, ao anular hierarquias, igualar classes. De acordo com Bakhtin, a carnavalização traz em seu bojo quatro elementos que estabelecem relações entre si e em conjunto, constroem-na, a saber: inversão, excentricidade, familiarização e profanação, cuja tônica primordial é a inversão. As restrições, as normas e as leis, que normatizam a sociedade e a ordem da vida comum, são revogadas no processo de carnavalização, conforme nos afirma o teórico russo: “revogam-se, antes de tudo, o sistema hierárquico de todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta etc.” (BAKHTIN, 2000, 123).

O poeta sentado à mesa de um café: Laura e O elogio à preguiça

Há toda uma filiação de Juvenal Antunes aos literatos atuantes nos cafés. De fato, algumas fotos do poeta como também a estátua em bronze na cidade imortalizaram a imagem do literato sentado à mesa de um café. Acrescente-se ainda o fato de que os poucos estudos sobre o poeta recaem sobre essa diretriz, tais como “Juvenal Antunes, o Boêmio Inolvidável”, de Esmeraldo Siqueira, bem como a coletânea de poemas acompanhada de uma biografia, organizada por Lucia Helena Pereira, sobrinha neta do escritor. (disponível em: www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br).

⁵ Originalmente publicado na *Folha do Acre* em 03/04/1927.



Figura 2- Juvenal Antunes. Fonte: www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br



Figura 3 Fonte: outraseoutras.blogspot.com

Sem estereotipar o poeta, podemos lançar um olhar sobre os seus possíveis diálogos com a poesia de caráter mais universalizante, como por exemplo, se pensarmos na recorrência e obsessão da personagem Laura em seus versos. No total dos poemas de Juvenal, reunidos por Lucia Helena Pereira, é possível observarmos mais de vinte poemas dedicados à Laura e ao todo na obra *Acreanas* são mais de uma centena de poemas dedicados à Laura. A presença de Laura já foi interpretada a luz da biografia do poeta. Seus principais biógrafos afirmam ter

sido Laura uma enamorada que o poeta conhecera em Ceará Mirim, a qual recusou seu pedido de casamento.

Mas a obra de Juvenal nos possibilita realizar outra leitura, buscando os seus possíveis diálogos com outras literaturas. Podemos observar um diálogo do poeta com a tradição de Petrarca, Tasso e até nos modernos versos de Cesário Verde, como se pode observar: “Se a Laura dos meus loucos desvarios/ Fosse menos soberba e fria/ Eu pararia o curso dos grandes rios/E a terra sob meus pés se abalaria.”

A personagem Laura, na poética de Juvenal, pode ser lida como um dos múltiplos diálogos do poeta com a tradição, tendo em vista que em seu poema “Pifão”, Juvenal lança mão da tradição, inclusive, citando textualmente Tasso e sua Laura, colocando Laura em contraposição à Beatriz, de Dante:

Serei teu Tasso, Laura! E Fosses
Embora menos bela que Beatriz,
Eu, recebendo esses teus beijos doces,- convencia-me,
até que era feliz!
(...)
Mas, chega Laura, o poeta fica mudo.
Laura, a garrafa olhando e o conteúdo,
Disse: “Poeta, morreu tua poesia?!⁶

Nepomuceno destaca que até o período Renascentista, o petrarquismo era concebido como imitação de certas formas estéticas e de termos utilizados com referência à Petrarca (NEPOMUCENO, 2000, 11). O autor cita como exemplos, os campos semânticos: rosa, neve, olhos, tranças de ouro e recursos estilísticos mais recorrentes na poética de Petrarca, como metáforas específicas para designar traços do corpo feminino, hipérboles e paradoxos do sentimento amoroso, jogos de palavras com o nome da amada. Ainda de acordo com o autor, se fazia presente na poética de Petrarca o transbordamento do sentimento amoroso e a dedicação extrema à mesma mulher, que no caso de Petrarca, possuía uma existência física real. Assim, o petrarquismo como concepção de uma criação literária, postula uma forma de poesia peculiar e de caráter subjetivo, através da qual o poeta participa diretamente do mundo decantado por ele. Dessa forma, o poeta petrarquista cria uma imagem feminina semelhante ao modelo de Laura, a musa de Petrarca.

⁶ Originalmente publicado na *Folha do Acre* 01/05/1927.

Essa recorrência de Laura e a remissão a Tasso em Juvenal pode ser lido com um diálogo intertextual coma tradição, como já mencionamos anteriormente e que é reelaborado por uma memória literária, conforme nos afirma Marnoto:

O petrarquismo é uma modalidade de reuso que tem na sua base a memória e a citação, afirmando-se, pois, como uma tradição em sentido etno-antropológico, porquanto o corpus de enunciados e conjunto textual organizado num sistema de valores ativo no âmbito de uma densa trama de práticas rituais, a qual é conferida a função de produzir, conservar e transmitir a própria identidade do grupo social, a sua forma cultural. Por consequência, o sentido da escrita brota de um movimento de reduplicação entre um texto primeiro e os sucessivos textos dele decorrentes, entre matriz e imitação, numa cadeia especular que consagra essa própria relação. (MARNOTO, 2007, 56).

Em nossa leitura da poética de Juvenal Antunes, destacamos outro importante diálogo intertextual. Ao lermos seu extenso poema “Elogio à preguiça”, observamos a sintonia de Juvenal com a modernidade das letras baudelairianas, ao colocar em cena a utilidade/inutilidade do poeta na sociedade. As categorias de vida ativa e ócio entram no centro do debate na modernidade, com a consolidação do capitalismo. A primeira compreende os campos da política e a do trabalho, cujas personagens típicas são o cidadão e o operariado. Já o ócio compreende os campos dos que não estão inseridos na vida pública ou àqueles que não têm ou perderam sua ocupação. Na esteira de importantes poetas, como T. S. Eliot e Baudelaire, o fazer poético é colocado como oposição ao juízo pragmático, uma vez que não o fazer poético é colocado também como ofício, como trabalho criativo. A esse pensamento acerca do poético é acrescida a ideia de que a preguiça é um estado profícuo para a criação, uma vez que o tempo da criação é sempre um tempo para se esbanjar, tanto para o poeta como para o leitor do poema.

O “Elogio à Preguiça” é o poema mais conhecido de Juvenal, o que certamente contribuiu para conformar a sua imagem à de um boêmio e traz como epígrafe um fragmento de Machado de Assis, de *Relíquias da Casa Velha*:

“A Preguiça amamenta muita virtude”
Machado de Assis – (*Relíquias da Casa Velha*, 50)

Benedictas seja tu, preguiça amada,
Que não consentes que eu me ocupe em nada

Mas, queiras tu, preguiça, ou tu não queiras
Hei-de dizer, em verso quatro asneiras.

Não me permuto por toda a humana sciencia
Esta minha honestíssima indolência

Está na Bíblia esta doutrina sã:
Não te importes com o dia de amanhã.

Para mim já é grande sacrifício
Ter de engolir o bolo alimentício.
Ô sábios! Dae à luz um novo invento:
A nutrição ser feita pelo vento.

Todo trabalho humano em que se encerraç
Em, na paz, preparar a lucta, a guerra.

Dos tractados, e Elis e ordenações,
Zomba a jurisprudência dos canhões.
Não seria melhor que toda a gente,
Em vez de trabalhar, fosse indolente?
Não seria melhor viver à sorte,
Si o fim de tudo é sempre o nada, a morteç

Queres riquezas, glórias e poder...
Para que, si amanhã tens de morrer?

Do trabalho por serem tão amigas,
Não sei se são felizes as formigas.
Talvez o sejam mais, vivendo em farras,
As preguiçosas, pálidas cigarras.
Ó Laura! Tu te queixas que eu, farsista,
Hontem faltei a hora da entrevista,
E que ingrato, volúvel e trahidor,
Troquei o teu amor,
Ou, que receiando a fúria marital,
Não quis pular o muro do quintal,
Que me não faças mais essa injustiça!
Si, hontem, não te fui ver, foi por preguiça.
Mas, Juvenal, estás a trabalhar!
Larga a caneta e vae dormir, sonhar...⁷

No poema de Juvenal, podemos observar o tópico da leitura das principais características do capitalismo, ou seja, aquele tempo que vai mostrar a construção de um

tempo produtivo, rentável e rápido. No poema, está em cena, justamente a ociosidade como um elogio à ineficácia, à inutilidade, à gratuidade e ao presente imediato. Ou seja, na sociedade capitalista, a preguiça estaria condenada a não produzir qualquer “riqueza”, no sentido de um lucro contábil. Se fizermos a distinção entre o criar e o produzir, podemos perceber a preguiça como uma possibilidade de um momento verdadeiramente criador, ou seja, o “ócio criativo”, como bem denominou Domenico de Masi.⁸

Dessa forma, percebe-se ao longo do poema, que Juvenal ultrapassa a lógica do útil x ocioso, descortinando o véu do discurso utilitário, para instaurar uma relação primitiva com o mundo, com ócio e com o sonho como formas de criação.

Considerações Finais

Torna-se importante realizar uma leitura dos poemas de Juvenal Antunes como forma de divulgá-los, pois sua obra se encontra dispersa em jornais, tendo em vista que seus livros quando foram editados, vieram a lume em pequenas edições e, por esse motivo, não é possível encontrarmos edições de suas obras, apenas a coletânea organizada pela sua sobrinha Lucia Helena Pereira, sua biógrafa ou alguns poemas compilados por Esmeraldo Siqueira, em seu livro *O Boêmio Inolvidável*.

Recuperar a figura do poeta, hoje, imortalizada pela memória cinzelada do bronze, no Sítio Histórico de Rio Branco, no chamado de Segundo Distrito, torna-se importante, por rastrear a produção literária – mesmo a considerada "menor" – para incorporá-la ao "caldo cultural" que revela a produção de determinada época, onde também se lê a literatura:

Textos perdidos entre milhares de outros que – em raridades bibliográficas, periódicos danificados e inéditos tratados como relíquias de família – se encontram no estado dos mortos de sobrecasaca drummondiano: roídos de vermes, exceto no "imortal soluço de vida" que o pesquisador tenta transformar em respiração presente. (MALARD, 1987, 94).

Ler Juvenal hoje é ler as letras produzidas na distante Amazônia, paralelamente, aos movimentos literários das décadas de 20 e 30 dos grandes centros urbanos, percebendo-se

⁷ Originalmente publicado na *Folha do Acre* em 15/11/1927. Mantivemos a grafia original.

⁸ MASI, Domenico de. *O ócio criativo*. Trad. Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

que, apesar de distante e das dificuldades de comunicação, no Acre também havia o exercício da literatura.⁹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Aurora Fornoni. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, 2000.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mianardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol. V, 5ª ed. São Paulo: Global, 1999.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulado no reino de jambom (as classes sociais na obra de Lima Barreto)*. São Paulo: Cortez, 1981.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma. A modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MALARD, Leticia. *Hoje tem espetáculo. Avelino Fóscolo e seu romance*. Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1987.

MARNOTO, Rita. *Sete ensaios camonianos*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007. (Col. Estudos Camonianos, v. 3)

MEDEIROS, Océlio. *A Represa. Romance da Amazônia*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

NASCIMENTO, Luciana. De vitrines e multidões: o nascimento do espaço urbano moderno. *Revista Temas e Matizes*. Cascavel El: Ed.UNIOESTE, v. 4. Nº. 8. 2005.

NEPOMUCENO, Luís André. *A musa desnuda e o poeta tímido – O petrarquismo cortesão na arcádia brasileira*. 2000. 226 p. Tese (Doutorado em Teoria Literária) Instituto de Estudos de Linguagem da UNICAMP, Campinas, S.P., 2000.

PEREIRA, Lucia Helena. (Org.). *Breve Coletânea de Juvenal Antunes*. Natal: Edição Comemorativa pelo transcurso de 140 anos do Município de Ceará Mirim, 1998.

⁹ Meus agradecimentos à Profa. Dra. Laélia Rodrigues, que disponibilizou os poemas de Juvenal Antunes digitalizados do Jornal *Folha do Acre*. Sem essa presteza de minha colega, não teria sido possível a realização deste trabalho.

PEREIRA, Lucia Helena. O poeta Juvenal Antunes, In: www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br. Acesso em: 01 de agosto de 2011.

RIBEIRO, João Carlos de Souza. Poética do Verde. *Revista Ramal de Idéias*. Rio Branco: EDUFAC, n. 1, 2008. Disponível em: repositorios.ufac.br/index.php/ramal/article/view/5. Acesso em 08/08/2011.

RODRIGUES, Laélia. *Acre: Prosa e poesia 1900-1990*. Rio Branco: EDUFAC, 1998.

SIQUEIRA, Esmeraldo. *Um boêmio inolvidável*. Natal: Ed. UFRN, 2008.